

GUILHERME, O INICIADO

PAULO BOMFIM

Comemorar o centenário de Guilherme de Almeida é algo que me deixa perplexo.

O amigo está de tal modo presente nos diálogos de meu caminho, tão moço entre os que participaram da revolução estética de 22 da guerra santa de 32, que falar dele em termos de um século, torna-se exercício do antástico.

Pergunto-me qual a mais antiga lembrança que possuo a seu respeito.

Mergulho no tempo, e volto à casa de meus avós na rua Rego Freitas, 59, esquina de Epitácio Pessoa, onde morava Antonio Cândido Camargo, cirurgião notável e personagem do romance *Madame Pommeroy*.

Nos dias que antecederam o 9 de Julho, os irmãos Guilherme e Tácito, Aureliano Leite, Carlos Moraes de Andrade, irmão de Mário e Ibrahim Nobre faziam do solar de meus avós centro de pregação revolucionária.

Depois, recordei todos cantando a *Marcha do Soldado Paulista*, com letra de Guilherme de Almeida e música de Marcelo Tupinambá.

Passados mais de dez anos, vou com Guilherme e Baby ao Atelier Bar, na Avenida Piranga, para cantar com eles em primeira audição, a *Canção do Expedicionário*, acompanhados ao piano por Paulinho Gontijo de Carvalho, o lendário Poléra das madrugadas.

Em 1945 levo ao Poeta de São Paulo os originais do "Antonio Triste" que saíra em 1917 com seu prefácio consagrador e ilustrações de Tarsila.

Guilherme foi o companheiro paciente e sábio de minha adolescência extravagante.

Em sua casa, primeiro na Pamplona e depois na Macapá, convivi com Roberto Simonsen, Di Cavalcanti, Renê Thiolier, Batista Pereira e Tarsila do Amaral.

Noitadas inesquecíveis onde ouvíamos o anfitrião discorrer sobre os mais diversos assuntos que iam da Grécia Clássica à Cibernética, da Poesia Provençal à Botânica e à História; do Ocultismo à Heráldica e ao Cinema.

Guilherme foi Mestre de Poesia. Ele e Manuel Bandeira conheciam o ofício como ninguém.

Num dia em que disse a ele que o ritmo é a respiração do pensamento, ouvi a mais profunda lição sobre o sentido mântico da rima, desencadeadora de processos mágicos que faziam o homem e seus chacras entrarem em comunhão com o corpo vivo do universo.

Na poética do autor de "Nós" há lugar para uma cosmogonia vária, leque de rumos que surpreende e fascina.

Em suas mãos de demiurgo o verso é criação fecundante, processo transmutável e encantatório, ouro espiritual que vai agir na sensibilidade do leitor.

Foi um homem raro, nascido da cultura e da velha cepa de guerreiros e navegadores que gravaram no livro de linhagens o brasão dos Almeidas e desses Andrades maternos, descendentes dos velhos Camargos bandeirantes.

Sua poética surge das ondas de um mar português e é embalada pelo Acalanto de Bartira.

Entre cantares de amigo e sonetos dos mais belos do idioma, entre Canções Gregas e evocações da Raça, o peregrino do encanto atravessa a vida em sua via de romeiro de Compostela.

Lírico e épico, participante e metafísico, o cavaleiro andante luta por sua terra e por sua dama.

O mês das neblinas é a síntese numinosa da existência do cantor de nossas glórias. Nele nasceu e nele viveu apaixonadamente o 9 de Julho.

Na saga de sua existência o voluntário de 32 coloca o fuzil e a pena a serviço de uma causa.

Em sua panóplia a língua portuguesa brilha um brilho antigo e renovado.

Quando em 1962 levei Jorge Mautner à sua casa, o encontro produziu tamanha impressão no jovem escritor que exclamou, ao despedir-se:

— Mas esse homem é um bruxo!

Sim, Guilherme era um Iniciado e a Poesia sua Ciência Sagrada!

Guilherme de Almeida, o Poeta dos Paulistas

RAUL DE ANDRADE E SILVA

Há cem anos nascia para o nosso convívio Guilherme de Almeida, o Poeta dos Paulistas, como o denominou o seu émulo Paulo Bomfim.

Em vida foi intitulado o "Príncipe dos Poetas Brasileiros", láurea de grandeza que lhe conferiu a legião de seus leitores e que nunca brilhou tão vivamente como nos dias heróicos da revolução paulista de 1932. Naquele momento de vibração patriótica, produziu ele os versos maravilhosos da "Bandeira das Treze Listas", glorificação do pavilhão de São Paulo e exaltação histórica do seu povo.

Uma das singularidades do grande poeta reside na simplicidade, que sabia aliar, em seus poemas, à força expressiva das palavras, uma precisão de linguagem, uma elegância de estilo, uma altitude de idéias que o tornam realmente um poeta ímpar.

Além dos numerosos e conhecidíssimos volumes de suas próprias composições, notabilizou-se Guilherme por suas traduções, verdadeiras obras-primas que divulgaram grandes textos da literatura universal, como os dos poetas franceses e dos autores clássicos, que o seu espírito finamente culto soube assimilar admiravelmente. Entreteve em "O Estado de S. Paulo" duas seções de especial interesse: "Ontem-Hoje-Amanhã" e "Eco ao Longo dos Meus Passos", notáveis pela originalidade do estilo e a leveza da forma, que distinguem o seu personalíssimo jornalismo. Ao saudoso Luis Martins, que tam-

bém assinava coluna no mesmo jornal, impressionava a juventude espiritual, a vivacidade intelectual e a agilidade mental de Guilherme, a quem o cronista considerava "escandalosamente jovem", aos 75 anos confessados pelo próprio poeta (crônica de Luis Martins em "Primeira Coluna", de "O Estado de S. Paulo", em 24 de julho de 1965).

Uma legião de amantes do cinema acompanharam suas crônicas especializadas, em que Guilherme analisou os grandes filmes então exibidos, tornando essas críticas como seguro roteiro das exhibições do momento. Tal foi o meu caso. Era notável a argúcia e senso crítico que com ele penetravam o secreto sentido das películas analisadas.

O dr. F. M. Coutinho, seu amigo íntimo e médico assistente, guarda um caderno manuscrito que registra algumas doridas queixas de Guilherme contra os sofrimentos que lhe infligia a doença que sobre ele se abateu nos seus derradeiros dias: "Eu, sofrendo, por que? Nunca matei ninguém, nunca fiz mal a ninguém! Sou inocente, por que não morro?" O formoso soneto intitulado "Prece a Anchieta" fecha com esta bela invocação

"Pelo bem que quizeses a este povo, Novo Batista deste Mundo Novo, Padre José de Anchieta, orai por nós!"

Por esta eloquente amostra, pode-se avaliar a força expressiva e a altitude de espírito deste autêntico poeta cujo inspirado talento o situa entre as maiores figuras literárias do Brasil, em todos os tempos.

Guilherme de Almeida e seu progenitor Estevão de Almeida, duas glórias de São Paulo

DUILIO CRISPIM FARINA

Noite do passado, posse de Vicente de Paulo Vicente de Azevedo, na Academia Paulista de Letras. Solenidade marcante, presença da sociedade paulista mais grada. Após a cerimônia de altas dimensões intelectuais, com os discursos de Vicente de Azevedo e Pedro Oliveira Ribeiro Neto, cadeira que fora de Manuel Carlos, a recepção nos salões do sodalício, com o cunho da personalidade fidalga do recém-ingresso na Casa de J. J. de Carvalho.

Acercamo-nos, nós e Álvaro do Amaral, do egrégio vate de São Paulo, Guilherme de Almeida. Horas memoráveis a ouvir a prosa do príncipe dos poetas brasileiros, momentos de indizível encantamento. O autor de "Cosmópolis", a perorar sobre as raízes do pensar e do civismo dos paulistas, evoluir de um pensamento liberal sempre marcado pelo direito, liberdade e justiça. A ação jesuítica, o desbravar dos bandeirantes, entradas e monções, Brasil a dentro. A vitória sobre as Tordesilhas. A criação da Pátria Paulista e as lindas aumentadas da nação brasileira. A altaneria e ao mesmo tempo simplicidade do homem da Terra Bandeirante. Seu espírito de independência, os marcos de sua grandeza: Raposo Tavares, Fernão Dias, Domingos Jorge Velho, Brito Peixoto, Feijó, os Andrades, e todo o elenco de feitos formi-

dandos. A paulistanidade surta desde os dias iniciais da Academia de Direito, os propósitos sempre repetidos de liberdade e justiça com Júlio Frank e Libero Badaró. As confrarias acadêmicas, as Arcadas e seus mestres e alunos. José Bonifácio o moço, Ramalho, Rui, Rio Branco, Nabuco, Carrão, o Centro Liberal, tudo num cadinho pleno de coerência, fanal libertário a alumiar as gerações de estudantes. Castro Alves, Fagundes Varela, Alvares de Azevedo, Eiró, o civilismo, a jornada nacionalista de Olavo Braz dos Guimarães Bilac, a Liga Nacionalista, Frederico Steidel, Paula Souza, Arnaldo Vieira de Carvalho. E os arautos pregoeiros das emulações de Piratininga, vozes de Batista Cepellos, Martins Fontes, Paulo Bomfim, e dele próprio, o cantor da "Bandeira das treze listras".

Horas de êxtase em que pudemos ouvir a voz canora do supremo vate de nossa Guerra Cívica. E passamos a falar sobre suas raízes, acerca de seu progenitor, Estevão de Almeida, jurista e sábio, humanista de alto porte. Pudemos dizer do orgulho que temos em possuir alguns dos volumes da biblioteca de Estevão de Almeida, advindos das livrarias de Alfredo Pujol e Antão de Moraes. Todos de alta seleção, obras de Spencer, Tardieu, Lombroso, Garçafalo, Ferri, Ferrero e tantos

mais de grande magnitude mental e maior estofo intelectual. Comovido, o mestre Guilherme de Almeida manteve a prosa, quase duas horas, enquanto se desenrolava a recepção ao molde de antigos momentos de alta sensibilidade, habituais na gente paulista, em dias dantanho.

Sempre afável, generoso, Guilherme de Almeida atendeu ao pedido do incorrigível colecionador que lhe solicitou duas palavras, em lembrança do perfil de Estevão de Almeida, seu eminente pai. E logo, de assentada, escreveu ele os seguintes tópicos:

"Ó homem egrégio, de estirpe divina, Alma de bronze e coração de menina. Esse dístico é tudo que sei dizer quando penso em meu pai.

Escreveu-os Antônio Nobre — o 'meu' poeta."

São Paulo 7/VI/1968
Guilherme de Almeida

Este raro cimélio intelectual do poeta de Messidor e de tantas obras primas, foi doado ao Arquivo da Academia Paulista de Letras, na reunião de 28 de junho de 1990, para que lá fique para sempre a dizer das inter-relações de dois ilustres filhos destes chãos dadivosos, São Paulo do Campo de Piratininga.

Centenário de Guilherme de Almeida

PAULO CINTRA DAMIÃO

I — BIOGRAFIA

Durante o mês de julho transcorreu o centenário de nascimento do grande poeta paulista *Guilherme de Andrade e Almeida*. Ele nasceu em Campinas — SP, em 24 de julho de 1890. Faleceu em São Paulo, em 11 de julho de 1969.

Bacharel em Direito pela Faculdade do Largo de São Francisco — USP, em 1912, foi advogado, jornalista, funcionário público e poeta. Participou ativamente da *Semana de Arte Moderna*, realizada em São Paulo, em fevereiro de 1922. Durante o ano de 1925 percorreu muitos Estados do Brasil, fazendo conferências sobre o movimento modernista.

Em 1930, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras. Também pertenceu à Academia Paulista de Letras, para a qual foi eleito em 1928.

Colaborou assiduamente em vários jornais paulistanos. Em 1959, em concurso promovido pelo jornal *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, foi eleito Príncipe dos Poetas Brasileiros. Foi Presidente da Comissão do IV Centenário da cidade de São Paulo (1954).

Em razão de sua participação na Revolução Constitucionalista de 1932, ficou um ano como exilado na Europa, fixando-se de preferência em Portugal.

II — OBRAS

Nós (1917); *A Dança das Horas* (1919); *Messidor* (1919); *Livro de Horas de Sôror Dolorosa* (1920); *Era uma vez...* (1922); *A Fruta que eu Perdi* (1924); *Raça* (1925); *Sherazade* (1926); *Simplicidade* (1929); *Cartas à Minha Noiva* (1931); *Você* (1931); *Acaso* (1939); *Cartas ao Meu Amor* (1941); *Tempo* (1944); *Poesia Vária* (1947); *O Anjo de Sal* (1951); *Acalanto de Bartira* (1954); *Rosamor* (1965); etc.

Traduziu muitas obras: *Eu e Você*, de Paul Géraldy (1932); *Poetas de França* (1936); *Antígona*, de Sófocles (1952); etc. Obra poética completa em *Toda a Poesia* — 1ª ed., 6 vols., 1952; 2ª ed., 7 vols., 1955.

III — APRECIACÃO

No início de sua carreira literária, Guilherme de Almeida demonstrava algum resquício do movimento simbolista: poesia sensível, intimista, de meios-tons. Depois passou a utilizar os recursos técnicos e teóricos do Parnasianismo, combinando-os com os do Simbolismo. Nessa fase deixa transparecer alguma influência de poetas franceses e portugueses.

Numa segunda fase, aderiu ao Modernismo (*Meu, Raça*), com predominância de temática objetiva e nacional.

Na terceira e última fase, retornou a uma arte poética tradicional, mais ao feito parnasiano, revelando grande facilidade de metrificar.

IV — OPINIÕES SOBRE GUILHERME DE ALMEIDA

1. "Malabarista do verso, compraz-se em imitações que vão desde os Cancioneiros, passando por Camões, até o haicai japonês." (Celso Pedro Luft, in *Dicionário de Literatura Portuguesa e Brasileira*, Ed. Globo, Porto Alegre, 1ª ed., 1966, p. 9).

2. "Modernista por acaso, Guilherme de Almeida pertence, realmente, à linhagem dum Olavo Bilac, dum Vicente de Carvalho, que remonta a Camões, quando não à Idade Média, e mantém-se, como veio palpitante, no fio dos séculos, a despeito das grandes metamorfoses havidas. Faz lembrar os bons discípulos dos grandes mestres da pintura, que

chegam a confundir-se com eles por imitação, ou empatia, mas que deles diferem por um *quid* fundamental: o sopro de originalidade, a intuição divinatória, o rasgar de caminhos novos à expressão e às idéias."

(Massaud Moisés, in *História da Literatura Brasileira*, vol. V — Modernismo, Ed. Cultrix, São Paulo, 1ª ed., 1989, p. 102).

3. "Guilherme de Almeida é um virtuoso, cujos valores consegue explorar na direção que pretende, seja reproduzindo o clima dos romances populares de Portugal, seja usando o diapasão camoniano, seja dando a impressão de poesia grega com direções (parnasiana, simbolista, moderna), no verso livre ou na composição medida. Versátil e hábil, todas essas diretrizes se observam em sua poesia."

(Péricles Eugênio da Silva Ramos, in *Pequeno Dicionário de Literatura Brasileira*, Ed. Cultrix, São Paulo, 1ª ed., 1969, p. 23).

4. "Em contato com os modernistas, que sempre estimaram as suas virtudes formais, Guilherme passou por um interlúdio nacionalista, de que foram fruto *Meu*, onde o verso livre altera com o tradicional, e *Raça*, rapsódia da mestiçagem brasileira. (...) Mas era maneirismo do moderno, passageiro. Os livros posteriores retomaram os antigos caminhos parnasiano-decadentes, quer estruturados em cancioneiros (*Encantamento*, *Acaso*, *Você*), quer na linha do malabarismo verbal, que levou o poeta a reviver estilos mortos como o dos trovadores ("Cancioneirinho"), ou o da lírica renascentista (*Camoniana*)."

(Alfredo Bosi, in *História Concisa da Literatura Brasileira*, Ed. Cultrix, São Paulo, 2ª ed., 1974, pp. 419, 420).